CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL / ANIM, 30 ANOS
27 de outubro de 2026

A LENDA DE MIRAGAIA / 1931

filme de ANTÓNIO CUNHAL *e* RAUL FARIA DA FONSECA

Realização e argumento: António Cunhal e Raul Faria de Fonseca, adaptando a lenda homónima segundo a versão de Almeida Garrett / *Direção de fotografia* (operador de câmara): Thomas Mary Rosel / *Produção*: Ulyssea Film / *Distribuição*: Sociedade Universal de Super-Filmes / *Produtor*: Raul Faria da Fonseca / *Cópia*: da Cinemateca Portuguesa, 35mm, preto e branco, muda / *Estreia comercial*: 1 de junho de 1931, Cinema Paris / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Sessão com apresentação.
Acompanhamento ao piano por **Filipe Raposo**.
A Lenda de Miragaia é apresentado com outras cinco curtas-metragens portuguesas de animação ("folha" distribuída em separado)
Duração total da projeção: 47 minutos

---

16 de maio de 2026, sábado de manhã, Feira da Ladra, Lisboa. Duarte Veloso, um jovem cinéfilo, passeia por entre as bancas do mercado de velharias e antiguidades e cruza-se com duas latas de película, à porta de uma das lojas em torno do mercado do Campo de Santa Clara. Hesita, presta atenção a outras coisas, mas quando está prestes a virar as costas e partir para a banca seguinte, regressa – pura intuição! – às latas que lhe haviam dado as boas-vindas.

Nelas estava colado um rótulo onde se podia ler, de forma bastante destacada, o nome do laboratório cinematográfico Ulyssea Filme Lda. (e respetiva morada, Rua D. Carlos de Mascarenhas n.º 39, em Campolide) Logo a baixo, outra inscrição: "negativo de imagem". No espaço previsto para o título podia ler-se, escrito à máquina, "A Lenda de Miragaia". Intrigado com aquele objeto, Duarte Veloso questionou o vendedor sobre o valor que estava a pedir. Não era caro. Além disso, o objeto de interesse para o vendedor eram mesmo as latas, que estavam bem conservadas, sem grandes sinais de enferrujamento. A película, que por acaso lá estava dentro, era um bónus para quem adquirisse aqueles recipientes.

Munido de um telemóvel com acesso à internet, Duarte Veloso fez uma rápida pesquisa e percebeu que **A Lenda de Miragaia** era um filme português de 1931, mais que isso, que se tratava de uma curta-metragem de animação de silhuetas ao estilo dos filmes de Lotte Reiniger. Abriu uma das latas, puxou uma das pontas do rolo de película e confirmou que as imagens impressas em 35mm correspondiam, de facto, ao filme sobre o qual tinha encontrado referências na internet. Comprou as duas latas, sem dar conta do seu entusiasmo – não fosse o vendedor mudar de ideias sobre o preço –, e pôs-se a caminho de casa.

Na viagem de carro, enquanto o pai conduzia, o jovem regressou ao telemóvel e encontrou um sítio onde se lia a seguinte menção: "Não se conhece o paradeiro de qualquer material fílmico deste título." Choque! Em entrevista, Duarte Veloso explicou: "Presumi que a Cinemateca teria a cópia positiva e que este negativo simplesmente facilitaria o processo de restauro, então comprei-o. Não imaginei necessariamente que o filme estivesse perdido. No caminho de regresso a casa, pesquisei melhor e (…) nesse momento é que percebi o que tinha em mãos." Na segunda-feira contactou a Cinemateca e na quinta-feira visitou o ANIM - Arquivo Nacional da Imagem em Movimento para aí poder assistir – numa visionadora, e pelas mãos dos técnicos do arquivo – ao achado histórico que havia desencantado numa ida à Feira da Ladra.

De facto, **A Lenda de Miragaia** não é só um filme português que se achava perdido – há centenas de títulos portugueses dos quais "não se conhece o paradeiro de qualquer material fílmico". Este era – há muito – um dos filmes que mais despertava o interesse dos historiadores de cinema português e dos cinéfilos nacionais. Trata-se de um dos primeiros filmes de animação feitos em Portugal e terá sido, aliás, o segundo filme inteiramente animado a estrear comercialmente em sala de cinema. Antes desse, existiu **Uma História de**

Camelos (1930), de João Rodrigues Alves, que esteve em exibição a partir de 11 de dezembro desse ano no Cinema Lys, em Lisboa. No contexto da animação de silhuetas, **A Lenda de Miragaia** foi igualmente pioneiro no meio português, existindo apenas uma outra referência a um filme precedente, **A Balada da Fonte** [1930], de João Carlos Celestino Gomes, que eventualmente nunca terá sido concluído. De nenhum desses filmes se guarda "qualquer material fílmico". Mas as razões de interesse não se ficam pela importância do filme na história do cinema de animação em Portugal. **A Lenda de Miragaia** foi correalizado por duas figuras singularmente trágicas do meio cinematográfico português, António Cunhal e Raul Faria da Fonseca.

António Cunhal nasceu em Coimbra no início do século XX (diferentes fontes apresentam as datas de 1909, 1910 e 1911), foi o filho primogénito do advogado e dramaturgo Avelino Cunhal, sendo por isso o irmão mais velho do político Álvaro Cunhal. Desenvolveu o seu trabalho como pintor e ilustrador, tendo apresentado a sua primeira e única exposição "Pinturas e Desenhos de António Cunhal" na Papelaria Progresso, na Rua do Ouro, em Lisboa, no Verão de 1931 – a exposição inaugurou na mesma semana da estreia comercial d'**A Lenda de Miragaia** no Cinema Paris, pelo que é possível imaginar um esforço concertado. Segundo a folha de sala da exposição, conservada pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, as 26 obras estiveram em exibição de 1 a 15 de junho e o preço de cada quadro variava entre 80 e 300 (presumo que escudos). A sua obra é muitas vezes enquadrada como um exemplo do prenúncio do movimento do neo-realismo português (que só se viria a efetivar na década de 1930) – sendo que os seus quadros e gravuras integram a Coleção da Fundação Calouste Gulbenkian, assim como várias coleções particulares (na referida folha de sala refere-se que várias peças pertencem às coleções de Dr. Fernando Ferra e Gualter Cardoso). António Cunhal viria a falecer com pouco mais de vinte anos, em 1933, vítima de tuberculose, doença que o debilitou logo a partir de 1930, impossibilitando-o de acompanhar a finalização de **A Lenda de Miragaia**, cuja conclusão ficou a cargo de Faria da Fonseca.

Se a relação de António Cunhal com o cinema era algo lateral, a de Raul Faria da Fonseca não o era de todo. Formado em arquitetura na Escola Politécnica de Lisboa, cedo começou uma carreira como crítico de cinema. Escreveu para várias publicações como o *Cine Jornal* e o *Animatógrafo*, tendo sido diretor da revista *Filmagem* entre o final de 1943 e o final do ano seguinte. Foi também o crítico de cinema residente do jornal *Diário Popular*. Faria da Fonseca seria coeditor de uma das primeiras publicações nacionais sobre história de cinema, intitulada *A Maravilhosa História da Arte das Imagens*, co-organizada com Fernando Fragoso. Talvez motivado pela sua formação em arquitetura, o seu envolvimento no cinema começou como cenógrafo/decorador em filmes como **João Ratão** (1940), **Ala-Arriba!** (1942) ou **O Costa do Castelo** (1943). Como realizador de filmes de metragem curta Faria da Fonseca realizou, quase sempre em co-autoria, várias obras: **Marinheiros de Portugal** (1931), **Hidráulica Agrícola** (1939), **Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul** (1940) e **Neve em Lisboa** (1945). Destes, o primeiro está perdido e do último conservam-se apenas alguns minutos daquilo que parecem ser brutos de rodagem. Está-lhe creditada a coautoria do argumento do filme **Três Dias Sem Deus** (1946), que acabou por ser realizado por Bárbara Virgínia mas que era, originalmente, um projeto seu. Faleceu em 1950 (com apenas 42 anos), vítima de um acidente de aviação em Angola quando iniciava a viagem de regresso a Lisboa, após a conclusão da rodagem dos exteriores africanos daquela que teria sido a sua primeira longa-metragem, **Epopeia da Selva**, filme que permaneceria inacabado (e do qual a Cinemateca conserva os brutos não montados).

Embora **A Lenda de Miragaia** só tenha estreado comercialmente a 1 de junho de 1931, no Cinema Paris (que havia aberto portas a 21 de maio e, por isso, apresentava na sua segunda semana de atividade uma novidade de produção nacional – um filme de animação!), existem várias indicações de que já estaria pronto há cerca de um ano. Na revista *Cinéfilo*, de 1 de março de 1930, dava-se conta que os realizadores haviam assinado um contrato com a Ulyssea Filme para a realização de um "filme de silhuetas animadas" a concluir no "prazo de três meses". Importa notar que **Die Abenteuer des Prinzen Achmed** (As Aventuras do Príncipe Achmed, 1926), a primeira longa-metragem de animação da história do cinema, assinada por Lotte Reiniger, estrearia em Portugal apenas a 10 de março desse mesmo ano de 1930, duas semanas após a publicação da entrevista na *Cinéfilo*. Ou seja, Cunhal e Faria da Fonseca havia começado a trabalhar no filme antes de sequer terem tido a possibilidade de ver um filme de "silhuetas animadas". Os dois conheciam o filme, mas apenas das

revistas e dos jornais, afirmando mesmo “nunca vimos nenhum filme de silhuetas animadas. Nada há escrito sobre o assunto. Nada há que nos sirva de guia”, acrescentado “[é] um género absolutamente novo em Portugal”.

Segundo António Horta e Costa (“História do Cinema Português – 1”, *Grande Plano*, n.º 2, outubro de 1950), a dupla de animadores teve a ajuda de José Nunes das Neves (importante operador de câmara do cinema português na década de 1930) que lhes terá alugado um barracão perto do Campo Pequeno, onde “lá dentro, quatro paredes povoadas de caixotes, cavaletes, quadros negros, pranchas improvisadas para desenho” se fez o filme. Cunhal e Faria da Fonseca contrataram um diretor de fotografia espanhol que vivia em Portugal, Thomas Mary Rosell (que trabalhara em várias das produções da Invicta Films logo a partir de **Frei Bonifácio** em 1918). “Mary, o amável operador, o nosso braço direito, percorreu toda a escala de diafragmas, expirou uma multidão de objetivas, jogou com as mais variadas intensidades luminosas, em suma, acarretou com um trabalho ilimitado para, no fim, surgir aquela verdade inevitável de que (...) não houve um diafragma que suprimisse um «flou» nem um ponto focal que desse nitidez. O foco lá estava e o diafragma cedia: a nitidez não foi além”, explicou Faria da Fonseca na referida entrevista para a *Cinéfilo*.

Sabe-se que algures no verão de 1930 se organizou uma sessão privada do filme para amigos, produtores e imprensa – se bem que a versão que aí se terá apresentado tenha muito provavelmente diferido daquela que acabaria por estrear um ano depois. De qualquer forma, por causa da tuberculose – eventualmente contraída por conta das condições de trabalho precárias do dito “barracão no Campo Pequeno” – que viria a matar António Cunhal, a produção do filme sofrera atrasos e o próprio Faria da Fonseca, de novo para a *Cinéfilo* em outubro desse ano de 1930, confessa que “não fora a lamentável doença de António Cunhal [e tudo continuaria]. Havia um prazo estabelecido e o trabalho que devia ser distribuído por dois, passou a ser meu unicamente”. Segundo o próprio realizador, essa ausência de Cunhal alterou o filme em termos formais: “do género de cinema adequado à época da lenda, passei, a pouco e pouco, a outro notadamente mais moderno. Fui obrigado a sintetizar um assunto e um trabalho, até então cuidados no complexo: a minúcia graciosa de António Cunhal não teve seguimento; a síntese forçada destruiu-a.”

Agora, 95 anos depois, diante da nova cópia produzida a partir do negativo encontrado percebe-se que há, de facto, uma diferença entre a primeira parte da curta-metragem (mais cuidada, mais fluida, mais minuciosa) e a segunda parte (onde a ação acelera, a reutilização de planos aumenta e a animação se torna mais mecânica). A este respeito, há que salientar que ainda que se tenha descoberto o negativo de imagem deste filme, e que agora seja possível ver uma cópia, o filme – como terá sido apresentado em 1931 ao público lisboeta – perdeu-se, uma vez que não “se conhece o paredeiro” de nenhuma cópia de época. Aquilo que agora se apresenta é um restauro informado a partir da documentação existente recolhida dos jornais e revistas, da linha narrativa do cancioneiro de Almeida Garrett que o filme adapta fielmente e das informações inscritas no próprio negativo de imagem. A partir de todos esses elementos, os colegas do ANIM produziram aquilo que é uma aproximação conscienciosa e provável do filme. Ainda assim, foram tomadas escolhas que resultam de uma avaliação informada, mas inevitavelmente especulativa. Quando existe indicação que certo plano terá que ser duplicado na positivação do material, é impossível garantir, com absoluta confiança, onde deverá esse plano ser integrado. Quando surge referência que existia um plano que não estava no negativo – então aí é absolutamente impossível reintegrá-lo. Contudo, que nada disso nos retire a possibilidade de usufruir deste filme, da sua beleza gráfica e da sua graça.

Contra todas as expectativas e mesmo contra os relatos da época (o então crítico Jorge Brum do Canto afirmou que “não é perfeito” e que as “imperfeições [são] de ordem puramente técnica”; Fernando Fragoso defendia o filme que “não sendo uma obra prima” é um filme cujo esforço foi “moralmente” bem empregado; um crítico que assinava como JNG escreveu na *Cinéfilo* que “sendo um ensaio, oferece, sem dúvida, deficiências, principalmente nas movimentação das figuras”), a descoberta de **A Lenda de Miragaia** vem revelar-nos um filme que surpreende – acima de tudo – pela qualidade técnica, pelo domínio fotográfico, pela riqueza dos recortes (das figuras e dos poucos fundos), pela delicadeza da animação nalgumas sequências ou pela inventividade de certas soluções visuais (o plano subjetivo para dentro do cântaro com

água, que foge à solução das silhuetas de perfil, é particularmente inesperada). O filme de António Cunhal e Raul Faria da Fonseca não está atrás, em termos técnicos e artísticos, daquilo que era a animação da época, especialmente sabendo nós as condições precárias em que o filme foi realizado (e a forma como os realizadores tiveram de inventar soluções técnicas para o filme sem nunca sequer terem visto um filme que usasse aquela técnica). É certo que a riqueza de texturas, o trabalho sobre a profundidade (com animação em vários planos) e a depuração do movimento nos filmes de Lotte Reiniger é muito superior, mas como o próprio Faria da Fonseca explicou "os alemães (...) tinham numerosos auxiliares, desenhadores dos mais distintos, e meninas até para recortar as silhuetas. Nós acumulámos todas essas funções".

A Lenda de Miragaia inscreve-se agora na história do cinema português como outrora apareceu esse filme desconcertante (e desconcertado) que é **A Dança dos Paroxismos**, de Jorge Brum do Canto. Também de 1930, esse filme permaneceu nos cofres da Cinemateca por longos anos – por decisão do próprio realizador, que não queria que o mesmo fosse apresentado – até que foi projeto, pela primeira vez, a 27 de outubro de 1984, no âmbito de uma retrospetiva dedicada ao realizador. Juntamente com **O Fauno das Montanhas** (1926, Manuel Luís Vieira), **Maria do Mar** (1930, Leitão de Barros), **Estátuas de Portugal** (1931, Ferreira de Castro – outro filme que, por longas décadas se achou perdido) ou **Douro, Faina Fluvial** (1931, Manoel de Oliveira), o final da década de 1920 e o início da década de 1930 (entenda-se, a reta final do cinema mudo) foi um dos períodos mais fervilhantes do cinema em Portugal. Um momento onde a experimentação vanguardista e o entusiasmo modernista dominavam as mentalidades dos jovens cineastas (todos eles tinham vinte ou trina anos), que encontravam no cinema uma forma de expressão e experimentação.

Ricardo Vieira Lisboa